



Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais: conhecendo o sistema ELiS

Brazilian system of sign language writing: knowing the ELiS system

*Leandro Andrade FERNANDES**

RESUMO: Ao se debruçar na história das escritas das línguas de sinais é possível perceber o longínquo anseio de utentes das referidas línguas por uma escrita que reflita os elementos constituintes dos sinais/palavras. Uma vez que, a escrita possibilita preservar a língua e a cultura de uma determinada comunidade. O trabalho aqui evidenciado é um recorte de nossa dissertação de mestrado e tem como objetivo divulgar o sistema brasileiro de escrita para as línguas de sinais – ELiS. Para tanto, foram aproveitadas obras relacionadas as diferentes escritas desenvolvidas para as línguas de sinais, tendo em vista os estudos relacionados ao sistema ELiS. Contudo, divulgamos duas contribuições inovadoras para a ELiS, sendo elas: i) a substituição do termo tipos de sinais por categorias morfológicas e ii) a criação da categoria sinais sem as mãos.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas de sinais. Escritas de sinais. Libras. ELiS.

ABSTRACT: Dealing with the history of the writing of sign languages, it's possible to perceive the distant yearning of the users of those languages by a writing that reflects the constituent elements of the signs/words. Since writing enables to preserve the language and culture of a particular community. The work evidenced here is a cut from our Master's thesis and aims to disseminate the Brazilian writing system for sign languages - ELiS. Therefore, works related to the different writings developed for sign languages were used, owing to the studies related to the ELiS system. However, we have made two innovative contributions to ELiS: i) replacing the term types of signs by morphological categories and ii) creating the category signs without hands.

KEYWORDS: Sign languages. Sign writing. Libras. ELiS.

* Mestre em Estudos da Linguagem pela UFG, professor no curso de Pedagogia da UFU. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8258-8682>. leandroandrade.letas@gmail.com

1 Introdução

Inúmeros autores já apontaram a importância da escrita para a sociedade, correspondendo a esta não apenas uma representação da Língua oral/sinalizada, mas, sobretudo, uma forma de comunicação que propicia à língua uma característica duradoura, ausente na fala/sinalização, por serem estas momentâneas. Além disso, a escrita é importante para preservar a língua e a cultura de uma comunidade, possibilitando o seu registro de forma a estar disponível a anos ou até mesmo a milhares de anos no futuro. A primeira escrita para as língua de sinais de que se tem notícias é a de Bébian (1825). Hoje, há algumas escritas de sinais sendo utilizadas, no entanto, nenhuma é regulamentada por lei.

O fato de não haver uma regulamentação das escritas para as línguas de sinais pode ser justificado pelo fato delas coexistirem juntamente com as línguas orais oficiais de um determinado país, por exemplo, a Libras e a Língua Portuguesa, que dividem o mesmo espaço geográfico – o território brasileiro, assim como ocorre com o Inglês americano e a língua americana de sinais (ASL). A Libras é reconhecida pela Lei 10.436/2002 como língua das comunidades surdas brasileiras, mas na modalidade escrita, a língua a ser utilizada deve ser a Língua Portuguesa. No entanto, como será apresentado neste artigo, a necessidade e o desejo de se escrever em língua de sinais, ocorre já há algum tempo.

2 Um passeio pela história das escritas das línguas de sinais

Conforme Oviedo (2009), o primeiro trabalho documentado voltado para a representação escrita das Línguas de sinais é o de Roch Ambroise Auguste Bébian, em 1825, na língua de sinais francesa, intitulado *Mimographie, essai d'écriture mimique*. Neste trabalho, Bébian apresenta cinco parâmetros das Línguas de sinais, sendo eles: forma e orientação de mão, equivalente hoje ao parâmetro de configuração da mão e orientação da palma; movimento; lugar, equivalente ao ponto de articulação e as expressões faciais. Dessa forma, pode-se notar que o autor apresenta os cinco

parâmetros das línguas de sinais, mas une os dois primeiros, representando-os por um único símbolo gráfico. Ao identificar os parâmetros das línguas de sinais, Bébian cria sua proposta de escrita e a organiza de forma sequencial e linear da esquerda para a direita, na seguinte ordem:



Além dos símbolos gráficos, a proposta de Bébian utilizava recursos para adicionar informações detalhadas à palavra/sinal. Aguiar e Chaibue (2015, p. 10) apontam que “há os chamados acentos, que dão uma informação a mais a um determinado grupo de componentes, como a variação do movimento (repetição, ritmo...), ou uma especificação do lugar (acima da cabeça, ao lado...)”. Entendemos que esses recursos equivalem aos diacríticos presentes em diversos sistemas de escrita, tornando essa proposta, apesar de inicial, bem planejada.

Em 1965, Willian Stokoe publica a obra *A dictionary of American sign language on linguistic principles*, com o objetivo de representar a ASL na sua modalidade escrita. Todavia, esse sistema de escrita não possui o objetivo de ser utilizado socialmente, mas unicamente para a representação da ASL e a organização do léxico em seu dicionário, como complementa Stumpf (2008):

O sistema criado por Stokoe não tinha o objetivo de servir para o uso comum dos surdos, mas sim de atender a uma necessidade particular dele, que era estudar as línguas de sinais, nesse aspecto seus estudos são referenciais para alguns pesquisadores das línguas de sinais (p. 24).

Em 1996, François Xavier Neves, levando em consideração a proposta de Stokoe (1965), propõe um sistema de escrita mais completo se comparado ao de Stokoe. Esse sistema tem por objetivo possibilitar a numeração e uma elaboração de sinais para a informática. A escrita é realizada na vertical de cima para baixo, e sua

estrutura utiliza os seguintes parâmetros: configuração, locação, orientação e ação. Em relação à morfologia dos sinais, Aguiar e Chaibue (2015, p. 13) acrescentam: “quando o sinal é monomanual (feito apenas com uma das mãos), ele é escrito em apenas uma coluna, quando é bimanual (feito com as duas mãos), ele é escrito em duas colunas”.

Em 1987, foi desenvolvido na Alemanha o *Hamburg Sign Notation System – HamNoSys*, criado por Prillwitz e por seus colaboradores. Assim como o sistema de Neves (1996, apud STUMPF, 2005), o *HamNoSys* tem raízes na proposta de Stokoe (1965), levando em consideração os parâmetros por ele apresentados. É um sistema de transcrição fonética que contém em torno de duzentos símbolos, incluindo características icônicas que facilitam a compreensão pelo usuário. Em relação à sua estrutura, Aguiar e Chaibue (2015) explicam:

Para sinais monomanuais o sistema descreve a postura inicial do sinalizador (características não manuais, formato e orientação de mãos e locação) adicionando a mudança de ação desta postura em sequência ou em paralelo. Para sinais bimanuais, a notação para postura inicial é precedida por um operador simétrico que define como a mão dominante, a não ser que seja especificada de outra forma (p. 14).

Em 1974, Valérie Sutton, professora de balé, desenvolveu o *DanceWriting*, sistema de notação para o registro gráfico de passos de dança. A supracitada autora foi convidada por pesquisadores da Universidade de Copenhagen para desenvolver um sistema adaptado para a escrita de línguas de sinais, surgindo o *SignWriting*. Em 1996, o professor Antônio Carlos da Rocha Costa dá início aos seus estudos computacionais orientados para a línguas de sinais e para a cultura surda, e utiliza o referido sistema. Uma de suas alunas, Stumpf, principia o ensino dessa escrita para alunos surdos no estado do Rio Grande do Sul em 1997, sendo esta, hoje, a maior difusora do sistema *SignWriting* em nosso país.

Por ser o *SignWriting* “alfabético”, é possível representar qualquer língua de sinais, realizando, se necessário as devidas adaptações. Assim, Stumpf realizou as

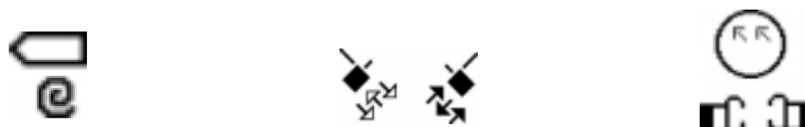
adaptações necessárias, possibilitando sua utilização para a escrita da Libras, no entanto, não a consideramos econômica e alfabética. Wanderley (2015) explica a estrutura dessa escrita, composta por 12 categorias:

1) orientação e posições de mãos, 2) tipos de contato, 3) configuração de mãos, 4) movimento de dedos, 5) movimento de braço e apontação (retos, curvos, flexão-rotação, circulares), 6) expressões faciais, 7) localização de símbolos da cabeça, 8) movimentos de cabeça, 9) orientação de olhar, 10) movimento de corpo, 11) símbolos de pontuação, 12) dinâmicas de movimentos (p. 44).

Esse sistema, no entanto, não possui uma característica base presente nos sistemas de escrita, a economia, em razão de o *SignWriting* acomodar mais de novecentos símbolos gráficos, distribuídos entre os cinco parâmetros da Libras. Outro ponto a ser discutido é o caráter fonológico do sistema *SignWriting*, uma vez que, conforme Valli e Lucas (2000, p. 19 *apud* COSTA, 2012, p. 31), “Sabemos que um dos traços que torna a linguagem [humana] única é que os símbolos que compõem a língua podem ser divididos em partes menores. A fonologia é o estudo das menores unidades contrastivas da língua”. Dessa forma, já tendo sido comprovada a existência de unidades mínimas para as línguas de sinais, ou seja, os fonemas, julgamos importante que cada elemento distintivo seja representado por distintos símbolos gráficos, por pertencerem a diferentes fonemas, correspondendo assim a elementos fonológicos díspares.

No *SignWriting*, em alguns sinais, os diferentes fonemas não são representados cada qual com seu símbolo, mas sim, percebe-se um único caractere evidenciando dois ou mais fonemas, como pode ser observado a seguir:

Figura 2 – Sinais “prazer”, “trabalhar” e “procurar para fotografar” – *SignWriting*.



Fonte: Barbosa (2017, p. 123).

Como mencionado, o sistema faz uso dos cinco parâmetros das línguas de sinais, conquanto, se levarmos em consideração a natureza do alfabeto, como aponta Higounet (2003, p. 59) “[...] um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem” e a função da escrita alfabética, “Na escrita alfabética, os grafemas têm como referência fonológica, em princípio, fonemas únicos [...]”, Dubois *et al.* (2006, p. 33), podemos observar que nem todos os grafemas e fonemas estão presentes na escrita elucidada anteriormente em *SignWriting*. Assim, é possível observar na figura anterior, no sinal “prazer” a presença de dois símbolos, de modo que a CM, OP e PA estão representados por um único sinal gráfico, e posteriormente o M, que é representado por um símbolo próprio. Essa mesma composição se dá nos demais sinais, apresentando apenas dois símbolos gráficos, para representar quatro fonemas na Libras. Além destes, há o sistema ELiS, criado no Brasil, consistindo sua apresentação e forma de uso o objetivo deste trabalho.

3 Apresentação e interpretação do sistema ELiS

O Sistema Brasileiro de Escrita das línguas de Sinais – ELiS, é uma forma de notação idealizada para representar as línguas de sinais em sua modalidade escrita. Foi criado pela linguista Mariângela Estelita Barros (1998) em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Goiás, intitulada “Proposta de escrita das línguas de Sinais”. Nessa fase, a ELiS se chamava *AlfaSig*, sendo rebatizada depois como *QuiroSig* e posteriormente de *ScripSig*. No entanto explica Barros (2015):

Esses três nomes com Sig, apesar de etimologicamente coerentes, não soavam bem nem a mim, nem a quem eu os enunciava [...]. Então, simplifiquei tudo, abandonei o grego e o latim e fiquei apenas com o português para criar a sigla ELiS – Escrita das Línguas de Sinais, sendo que o “i” minúsculo só entrou para compor o padrão silábico do português, facilitando sua pronúncia (p. 18).

Em 2008, em sua tese de doutorado, Barros defende o trabalho “ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática”. Ratificando o uso eficiente da ELiS, no que se refere à representação da Libras em sua modalidade escrita. Esse sistema possui forte influência do sistema de Stokoe (1965), por ser linear, alfabético e econômico. No entanto, diferentemente do sistema de Stokoe (1965), a ELiS foi desenvolvida para uso social. Por ser alfabética, ela representa os elementos fonológicos das línguas de sinais em símbolos distintos, a saber, os elementos distintivos presentes nos parâmetros apresentados por Bébian (1925) e por Stokoe (1965). Com o passar dos anos, os parâmetros tiveram algumas modificações em suas nomenclaturas, indicados usualmente, como apresentados por Quadros e Karnopp (2004), por: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (OP) e Expressões não Manuais e/ou Faciais (ENM). A seguir, serão apresentados os elementos que compõem a estrutura base da ELiS.

As letras da ELiS são denominadas por Barros (2015, p. 21) de visografemas por serem “formas gráficas que representam elementos visuais, os quais compõem as línguas de sinais”. Por possibilitar a representação dos elementos constitutivos dos sinais, é possível utilizar a ELiS para a representação de qualquer língua de sinais. Fernandes (2015), em seu livro intitulado “ELiS – Internacionalização da Escrita das Línguas de Sinais”, verifica sua viabilidade em outras 20 línguas de sinais e, assim, comprova a sua eficácia.

A ELiS é composta por 95 visografemas, que se dividem em quatro grupos, sendo eles: Configuração de dedos (CD), Orientação da palma (OP), Ponto de articulação (PA) e Movimento (M). Por possuírem algumas especificidades, destacamos aqui os grupos de CD e de M. O grupo CD, por ser criado exclusivamente para o sistema ELiS, é uma adaptação do parâmetro CM, e trata-se da representação detalhada da posição dos dedos, possibilitando ao sistema ser econômico, uma vez que, se levássemos em consideração o parâmetro CM, seria necessária a criação de um

visografema para cada uma das 61 Configurações de Mão (CMs) na Libras, como pode ser visto a seguir:

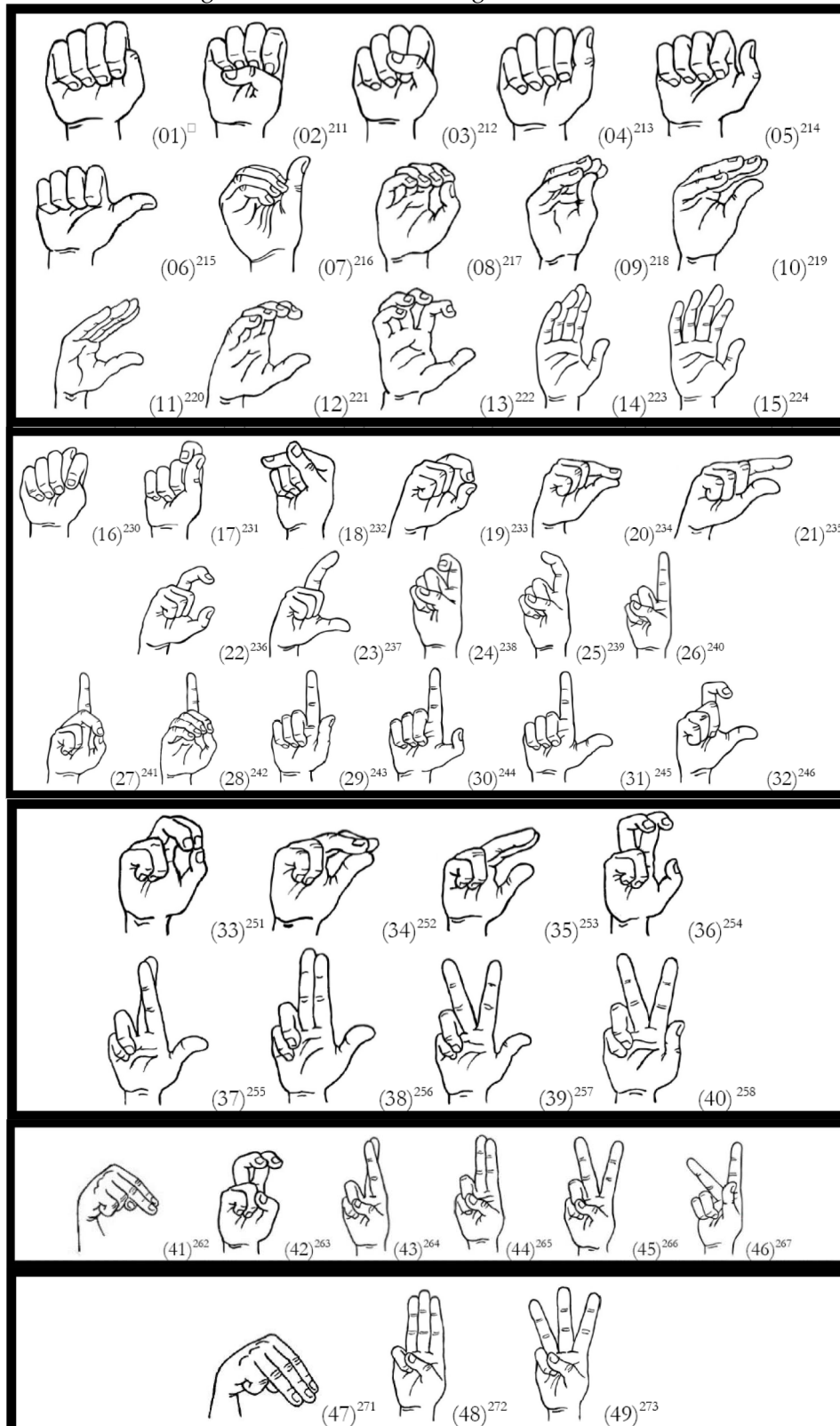
Figura 2 – Tabela de CMs da Libras.

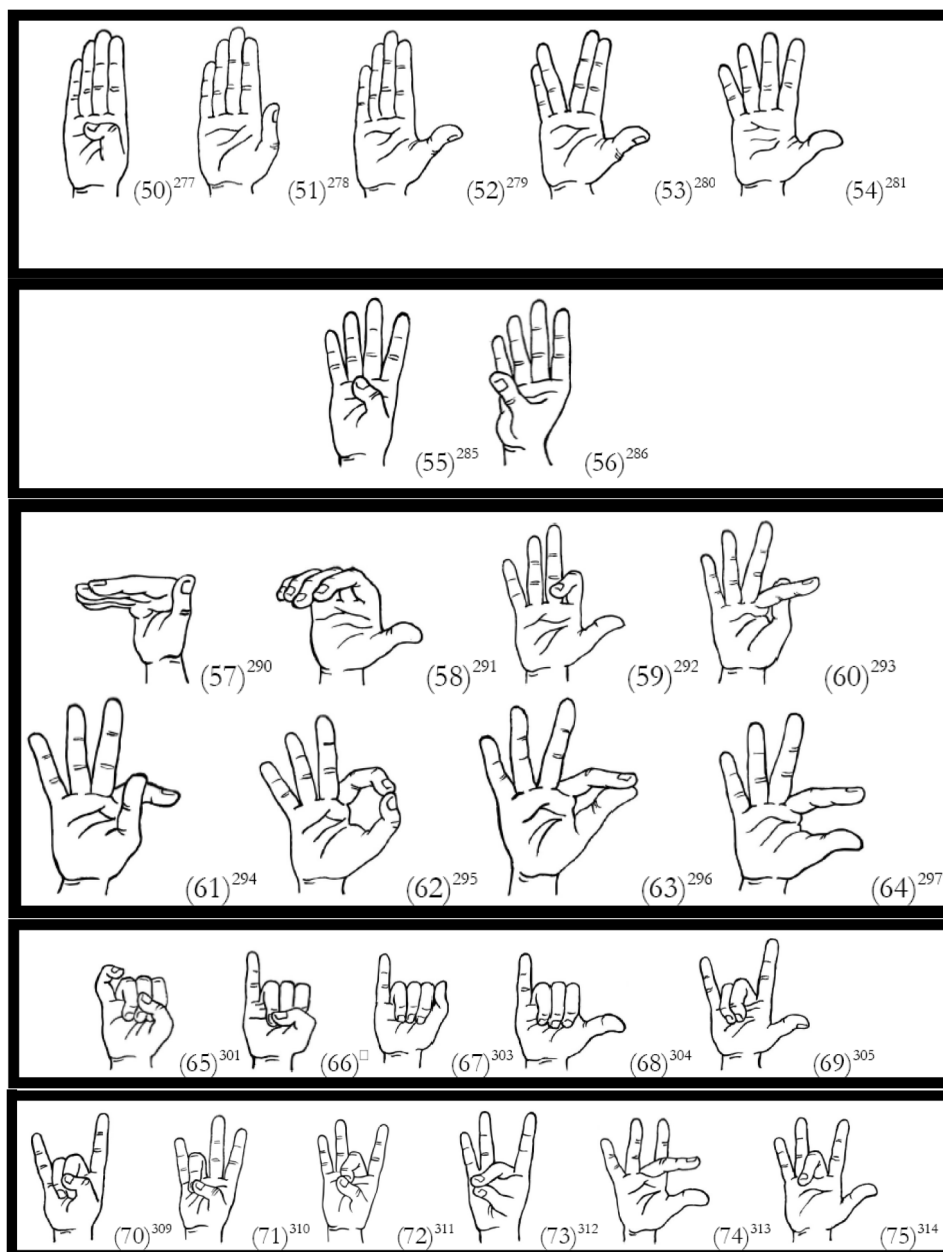


Fonte: elaborada por Pimenta e Quadros (2006, p. 73).

Além disso, os traços distintivos pertencentes ao grupo de CM variam de autor para autor na Libras, pois Pimenta e Quadros (2006) apresentam 61 CMs, ao passo que Nascimento (2009) indica a seguinte tabela:

Figura 3 – CMs da Libras segundo Nascimento.

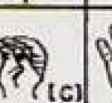

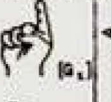
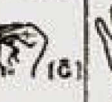

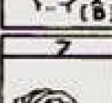
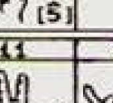
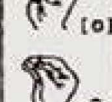

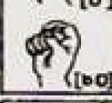






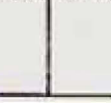
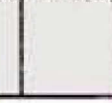





Fonte: elaborado pelo autor com base em Nascimento (2009, p. 176-183).

Como pode ser observado, Nascimento (2009) organiza as CMs em dez grupos, perfazendo o total de 75 CMs. Essa proposta leva em consideração os alófonos presentes nesse parâmetro, por exemplo, as CMs 57 e 58, que se diferenciam unicamente pelo relaxamento dos demais dedos. Interessante observar que essa variação não está presente na tabela apresentada por Pimenta e Quadros (2006). A seguir expomos a tabela de CMs proposta por Brito (1995):

Figura 1 – CMs da Libras proposta por Brito.

1	2	3	4	5	6
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [S]	 [V]
 [b]	 [a]	 [g]	 [c]	 [s]	 [v]
 [B]	 [A]	 [G]		 [S]	
 [B]	 [A]	 [G]		 [S]	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [S]	 [Y]
 [O]	 [F]		 [H]	 [S]	 [Y]
 [O]	 [F]		 [H]	 [S]	 [Y]
 [A]	 [K]	 [T]	 [R]	 [W]	 [L]
 [A]	 [K]			 [L]	 [F]

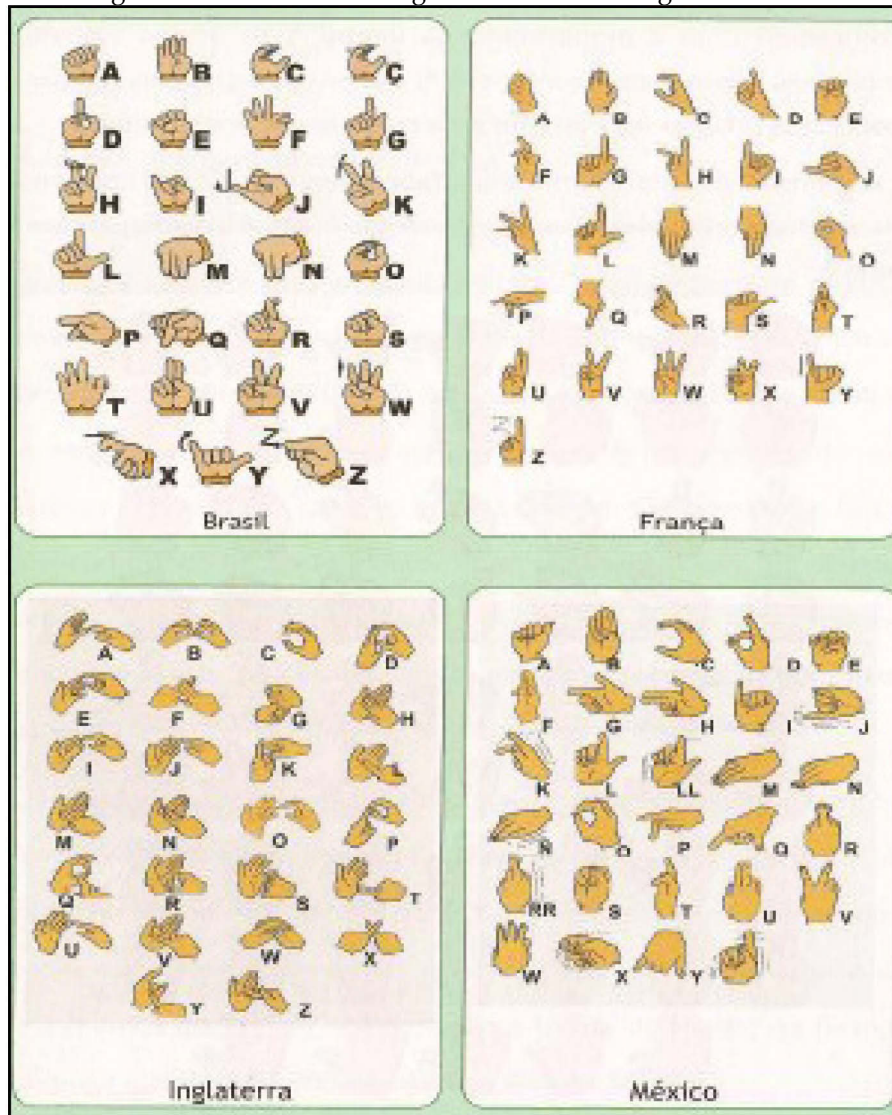
Fonte: Brito (2012, p. 42).

A proposta de organização das CMs apresentada por Brito (1995) abriga o total de 41 elementos distintivos. Entretanto Brito (2012, p. 42) sugere a possibilidade de, durante a pesquisa, algumas das principais capitais do Brasil não terem sido contempladas, ocasionando a não representação da totalidade das CMs da Libras.

Destarte, além de as CMs variarem de pesquisador para pesquisador, dentro uma mesma língua de sinais, como demonstrado, estas se diversificam também de línguas de sinais para línguas de sinais. Para elucidar esse fenômeno, expomos a tabelas de alfabeto datilológico da línguas de sinais do Brasil, da França, da Inglaterra e do México, que apesar de não conterem todas as CMs dessas línguas, apresentam uma quantidade significativa delas. Vale lembrar que, o alfabeto datilológico representa também algumas das CMs, sendo este um recurso representativo do

alfabeto gráfico da língua oral, dispondo, portanto, cada língua de sinais de seu próprio alfabeto datilológico, como pode ser observado a seguir.

Figura 5 – Alfabeto datilológico de diferentes línguas de sinais.



Fonte: Pimenta e Quadros (2006, p. 64).

Como pode ser observado na figura acima, há diferenças significativas entre o alfabeto datilológico de diferentes países. Entre essas distinções, apontamos a sinalização do alfabeto datilológico monomaneal ou bimanual, assim como a presença ou a ausência de determinadas configurações de mão em um ou em outro alfabeto datilológico, como a letra “Ç”, presente na Libras e ausentes nas línguas de sinais

britânica, francesa e mexicana, ou o “RR” presente na mexicana e ausente nas demais. Apesar de haver muitas variações e inconsistências teóricas, a ELiS é suficiente para representar qualquer uma delas. Contudo, com a representação detalhada de cada dedo e não da mão como um todo, o sistema ELiS mostra-se, além de econômico, eficaz para ser utilizado em qualquer outra língua de sinais.

O segundo grupo da ELiS a ser destacado é o de M, que incorpora em um subgrupo algumas das ENM, pois:

Muitas expressões não manuais não são representadas na ELiS por considerarmos que: a) são intrínsecas ao sinal, como o movimento de olhos que acompanham o uso de pronomes pessoais ou demonstrativos; b) são previsíveis pela sintaxe, como alguns movimentos de cabeça e sobrancelha em algumas frases subordinadas e em frases interrogativas, em que os próprios sinais de pontuação levam o leitor a realizá-los; c) são dadas pelo contexto de leitura, como o girar de tronco para marcar o turno de interlocutores (BARROS, 2015, p. 22).

Apresentamos a seguir os visografemas da ELiS, ou seja, os elementos gráficos que formam seu alfabeto, estes são organizados em seus grupos. Como apresentado anteriormente, o grupo de CD é composto por dez visografemas, e se divide em dois subgrupos, sendo eles, dedo polegar e demais dedos, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Visografemas de Configuração de Dedos.

Dedo polegar	Demais dedos
. Fechado	. Fechado
/ Na palma	∩ Muito curvo
< Curvo	∩ Curvo
\ Três D	\ Inclinado
- Horizontal	Estendido
- Vertical	--

Fonte: elaborado pelo autor com base em Barros (2015).

O grupo de OP é composto por seis visografemas, sendo este o único grupo que não possui subgrupos, conforme se observa no quadro abaixo:

Quadro 2 – Visografemas de orientação da Palma.

☑ Palma para frente
☐ Palma para medial
☐ Palma para cima
☐ Palma para trás
☐ Palma para distal
☐ Palma para baixo

Fonte: elaborado pelo autor com base em Barros (2015).

O grupo de PA é composto por 35 visografemas e está dividido em quatro subgrupos: cabeça com 15 visografemas; tronco com 5; membros com 8; e mão com 7 visografemas, sendo eles:

Quadro 3 – Visografemas de Ponto de Articulação.

Cabeça	Tronco	Membros	Mão
☐ Cabeça	π Pescoço	└ Braço inteiro	☐ Palma da mão
☐ Acima da cabeça	☐ Espaço neutro	└ Ombro	☑ Dorso da mão
└ Lateral da cabeça	☐ Tórax	└ Axila	☐ Dedos
└ Orelhas	☐ Lateral do corpo	└ Braço	☐ Lateral dos dedos
= Testa	☐ Abdômen	└ Cotovelo	☑ Intervalo dos dedos
-- Sobrancelha	--	└ Antebraço	☐ Articulação dos dedos
∴ Olho	--	└ Pulso	☐ Ponta dos dedos
∴ Maça do rosto	--	π Pernas	--
└ Nariz	--	--	--
∴ Buço	--	--	--
∴ Boca	--	--	--
└ Dentes	--	--	--
∴ Bochecha	--	--	--
☐ Queixo	--	--	--
☐ Abaixo do queixo	--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor com base em Barros (2015).

O grupo de M é composto por 44 visografemas e está dividido em três subgrupos: braço com 20 visografemas; mão com 12; e expressões não-manuais com 12 visografemas, como mostra quadro a seguir:

Quadro 4 – Visografemas de Movimento.

Braço	Mão	Expressões não-manuais
⊥ Para frente	⊥ Abrir a mão	◡ Negação com a cabeça
⊤ Para trás	⊤ Fechar a mão	◊ Afirmação com a cabeça
⊕ Para frente e para trás	⊕ Abrir e fechar a mão	↪ Língua na bochecha
↑ Para cima	↶ Flex. dedos na 1ª articulação	↵ Língua para fora
↓ Para baixo	↷ Flex. dedos na 2ª articulação	◁ Corrente de ar
↕ Para cima e para baixo	∨ Unir e separar os dedos	⊘ Vibração dos lábios
→ Para a direita	↶ Tamborilar os dedos	↔ Mov. Lateral do queixo
← Para a esquerda	↷ Friccionar de dedos	⊘ Murchar bochechas
↔ Para a dir. e para a esq.	⌞ Dobrar o punho	⊘ Inflar bochechas
+ Para o meio	⌞ Mover o punho lateralmente	⊘ Boca aberta
↕ Para fora	⌞ Girar o punho	+ Piscar os olhos
↗ Para cima e dir.	⌞ Girar o antebraço	⊘ Girar o tronco
↖ Para cima e esq.	--	--
↘ Para baixo e dir.	--	--
↙ Para baixo e esq.	--	--
∩ Arco	--	--
∇ Flexão/extensão do braço	--	--
⊙ Circular vertical	--	--
⊙ Circular horizontal	--	--
⊙ Circular frontal	--	--

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Barros (2015).

Como qualquer sistema de escrita, para escrever e ler em ELiS, é necessário aprender seu alfabeto e conhecer o funcionamento dos 95 visografemas. Além disso, por ser um sistema linear, deve-se respeitar sua estrutura base, na seguinte disposição: CD, OP, PA e M. Logo, é possível escrever qualquer sinal da Libras ou de qualquer outra língua de sinais utilizando-se a ELiS. Concebamos como exemplo o sinal <⌞=⊤ (aprender), onde ‘<⌞’ é a configuração de dedos (polegar e demais dedos curvos), ‘⌞’ a orientação da palma (para o meio), ‘=’ o ponto de articulação (testa), ‘⊤’ o movimento (fechar a mão) e o diacrítico de repetição ‘’. Há, ainda, outras regras no sistema ELiS, que possibilitam a combinação de seus elementos, que Barros (2015, p. 82) denomina de “regras grafotáticas”, como serão observadas no próximo subtópico.

3.1 Diacríticos: usos e possibilidades na ELiS

Conforme mencionado, nesta seção temos o objetivo de apresentar e indicar as formas de usos dos diacríticos na ELiS, sendo estes “[...] um signo gráfico adjunto a um grafema simples do alfabeto, a fim de transcrever um fonema diferente daquele que transcreve esse grafema” (DUBOIS *et al*, 2006, p. 181). Na ELiS, há símbolos gráficos criados unicamente com valor de diacrítico e o uso de alguns visogramas que em determinadas posições deixam de ter seu valor como visogramas e se tornam diacríticos.

Passamos agora a apresentar os diacríticos de acordo com os grupos da ELiS, ou seja, na ordem básica de sua escrita. O primeiro grupo, CD, é composto por quatro tipos de diacríticos: orientação do eixo da palma; união de dedos; contato com o polegar e movimento.

Os diacríticos referentes à orientação do eixo da palma são representados por quase todos os símbolos que designam a orientação da palma, sendo eles: ‘☒, ☑, ☐, ☐, e ☐’, estando ausente apenas o visograma “☐”, entretanto, são escritos em tamanho menor, à direita e acima do visograma a ser detalhado. De acordo com Barros (2015, p. 86), este diacrítico representa “[...] uma linha imaginária que atravessa a palma longitudinalmente e define a orientação da articulação metacarpofalangeana (que une os dedos à palma)”. Isto posto, analisemos os seguintes exemplos, tendo como foco o grupo de CD:

.☐☑☐ (numeral 1)

.☐☑☐ (aqui)

É possível perceber que, apesar de apresentarem os mesmos visogramas, a utilização do diacrítico orientação do eixo da palma modifica completamente o sinal, tanto em seu nível morfológico quanto em seu nível semântico. Sem o diacrítico, o sinal realizado permanece com o eixo da palma voltado para cima, indicando o numeral um. Com o uso do diacrítico “☐”, que indica, nesse caso, o apontamento para

baixo, passa a representar o sinal 'aqui'. Este diacrítico pode ser encontrado da mesma forma, na representação das letras 'M', 'N', 'P' e 'Q' do alfabeto datilológico da Libras, que utiliza para a sua descrição apenas o grupo de CD.

Outro diacrítico presente nesse grupo é o de união de dedos, representado por um traço (-) que corta os visografemas de demais dedos, indicando que estes estão unidos. Destarte, a CD '↵' se diferencia da '↵' pela união lateral dos demais dedos. Para a união do polegar com os demais dedos, temos o diacrítico de contato com o polegar, sendo representado por um ponto (.) acima do visografema que representa o dedo que fará o contato. Assim, a CD '↵' se diferencia da '↵', representando, esta, a letra 'O' e aquela uma das formas flexionadas semelhantes ao 'C', do alfabeto gráfico da língua portuguesa.

Os diacríticos de movimento utilizam os mesmos símbolos gráficos do grupo de M, no entanto, são escritos em tamanho menor, à direita e acima do elemento a ser detalhado. Esse diacrítico, nesse grupo, é utilizado unicamente para a representação do alfabeto datilológico, por utilizar na grafia desse signo apenas o grupo de CD, não representando uma palavra, mas uma letra, tomada como empréstimo do alfabeto latino, em nosso caso, da língua portuguesa e é apenas nas letras que possuem movimento, sendo elas: '↵' (Ç), '↵' (H), '↵' (J), '↵' (K), '↵' (W), '↵' (X), '↵' (Y) e '↵' (Z).

O grupo de OP é o único que não possui diacríticos. Por esse motivo, passemos para o grupo seguinte, o de PA. O grupo de PA possui quatro diferentes tipos de diacríticos: i) o de contato que se divide em contínuo (—), podendo ser encontrado como toque '↵' (intimidade) ou deslize '↵' (mulher), intermitente duplo (— _), portando dois toques, de modo a ser interpretado como toque inicial e toque final, '↵' (saúde); ii) o intermitente indefinido (— _ _), que apresenta três ou mais toques, no entanto, sua quantidade não é importante para a formação e compreensão do sinal '↵' (classificador de bolinhas, utilizado para roupas com bolinhas ou como as pintas presentes na pele das onças pintadas). Como pode ser

monomanuais, indica que ele é realizado pela mão não dominante, o hífen (-), que especifica a ausência de movimento em uma das mãos, o colchete ([])¹ que é posicionado de modo a envolver o diacrítico de repetição ['], indicando a recorrência de todo o sinal, e não apenas do movimento, o sinal de conclusão (:.)², utilizado em sinais compostos, uma vez que, conforme Barros (2015, p. 92), “é utilizado entre dois sinais escritos para indicar que o sinal é composto, seja por possuir mais de uma sílaba, ou por ser formado por justaposição de dois ou mais sinais”; e iv) as duas barras (//) criada exclusivamente para a ELiS, aplicadas em sinais bimanuais simétricos ou quase simétricos, os quais determinam a utilização de alguns e/ou todos os visogramas similares em ambas as mãos.

Nesta seção, apresentamos os diacríticos e os símbolos de pontuação presentes nos diferentes grupos de formação da palavra/sinal, ou na escrita de uma sentença, demonstrando como eles propiciam a economia de visogramas.

3.2 A organização dos sinais em categorias morfológicas

Nas línguas de sinais, há diferentes estruturas para se realizar diferentes sinais, Barros (2015) denomina esse fenômeno como “tipos de sinais”, discorreremos sobre os sete diferentes tipos de palavras/sinais que podem ser encontrados na Libras-ELiS. Apesar de todos obedecerem à regra base do sistema, organizados em CD, OP, PA e M, suas estruturas apresentam singularidades, que dependem exclusivamente da formação do sinal, a saber, Barros (2015, p. 82-85) “sinal monomanual, sinal bimanual simétrico, sinal bimanual quase simétrico, sinal assimétrico, sinal com mão de apoio, sinal composto, sinal soletrado”.

¹ O diacrítico de *repetição do sinal* ([]) foi criado por Barros durante sua pesquisa de pós-doutorado (2016), no entanto, não houve publicações referentes a ele. Contudo, concerne-se à autora o mérito sobre sua criação.

² O sinal “.:” é utilizado na Matemática, indicando conclusão, escrito antes de uma conclusão lógica.

Denominamos os tipos de sinais apresentados por Barros (2015) como categorias morfológicas, uma vez que categoria “[...] designa uma classe, cujos membros figuram nos mesmos ambientes sintáticos e mantêm entre si relações particulares” (Dubois *et al*, 2006, p. 102) e morfologia que “em gramática tradicional, [...] é o estudo das formas das palavras (flexão e derivação), em oposição ao estudo das funções ou sintaxe” (Dubois *et al*, 2006, p. 421).

Assim, a categoria morfológica concerne puramente à estrutura das palavras/sinais, ou seja, aos aspectos morfológicos, organizando-as em classes conforme suas propriedades estruturais. O sinal monomanual é o único que não possui uma especificidade, composto pela própria ordem base para se escrever em ELiS. A seguir, expomos a estrutura do referido sinal:

Quadro 5 – Sinal monomanual.

ELiS	₊ □ ◌ ◌
Estrutura	CD OP PA M ₊ □ ◌ ◌
LP³	Rosa

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal bimanual simétrico diferencia-se do monomanual por apresentar em sua grafia as duas barras ‘//’, que indica a realização do sinal pelas duas mãos. Esses sinais abrangem os mesmos elementos distintivos para as duas mãos, em seus determinados grupos. Esse é um recurso simples com o objetivo de simplificar a escrita das palavras/sinais, descartando a necessidade de replicar os visogramas para a mão não dominante, como pode ser observado a seguir:

³ A sigla LP refere-se a Língua Portuguesa.

Quadro 6 – Sinal bimanual simétrico.

ELiS	//<↑☒☐⊥:
Estrutura	CD OP PA M //<↑ ☒ ☐ ⊥:
LP	Especial

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal bimanual quase simétrico pode apresentar em um, em dois ou em três dos grupos os mesmos elementos distintivos para cada uma das mãos. No entanto, há a sua duplicidade em algum dos grupos. Como se pode perceber, no quadro a seguir, há a duplicação do grupo de OP, PA e M e visografemas idênticos para o grupo de CD. Nos sinais bimanuais quase simétricos, é fundamental respeitar a ordem dos grupos, sempre descrevendo inicialmente a Mão Não Dominante (MND), que por padrão é a mão esquerda e posteriormente a Mão direita, referindo-se à Mão Dominante (MD) do sinal a ser escrito. Isto posto, a palavra/sinal será representada na seguinte ordem: CD (MND), CD (MD), OP (MND), OP (MD); PA (MND), PA (MD) e M (MND) e M (MD). À vista disso, o exemplo a seguir é apenas uma das possibilidades de escrever um sinal/palavra desta categoria.

Quadro 7 – Sinal bimanual quase simétrico.

ELiS	//_†☒☐☐☐-T:
Estrutura	CD OP OP PA PA M M //_† ☒ ☐ ☐ ☐ - T:
LP	Proposta

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal bimanual assimétrico é realizado com as duas mãos, mas, diferentemente do sinal quase simétrico, neste, todos os grupos são duplicados, ocasionando a presença de dois elementos gráficos em cada grupo, sempre obedecendo à ordem base da ELiS, e invariavelmente, dentro de cada grupo, representa-se a MND e posteriormente a MD. Ponderemos o exemplo a seguir:

Quadro 8 – Sinal bimanual assimétrico.

ELiS	$_ \uparrow^{\square} . \square \square \square \square _ \ddagger^{\cdot}$
Estrutura	CD CD OP OP PA PA M M $_ \uparrow^{\square} . \square \square \square \square _ \ddagger^{\cdot}$
LP	Pesquisar

Fonte: elaborado pelo autor.

Os sinais com mão de apoio podem ser descritos de duas formas, caso necessite. Nesses sinais/palavras, a mesma ordem base da ELiS é obedecida, todavia, o visografema do grupo de PA refere-se à MND e não à MD, pois aquela mão não realiza movimento, assim como não possui uma configuração precisa, servindo apenas de apoio para a realização do sinal pela MD. Entretanto, em alguns sinais, como na palavra/sinal ‘ $\langle \uparrow^{\square} \square \square \square _ \ddagger^{\cdot} \leftarrow \rangle$ ’ (dicionário), se escrito sem a grafia do PA da MD ‘ \ddagger^{\cdot} ’, o utente ao replicar o sinal, pode erroneamente realizar o toque do dedo indicador da MD na palma da MND, pois, ao selecionar uma CM, deduz-se que serão os dedos selecionados que entrarão em contato com o PA da MND. Conforme explica Brentari (1989, p. 7)⁴, dedos selecionados são “os dedos de uma forma de mão que podem se mover durante a produção de um sinal ou que podem tocar o corpo – os ‘dedos ativos – tradução nossa –”. Por esse motivo, sinais/palavras como essa, necessitam da escrita dos dois PAs – MND e MD, de modo a evitar esse possível erro na leitura.

Quadro 9 – Sinal mão de apoio.

1ª possibilidade	
ELiS	$\backslash \square \square \downarrow^{\cdot}$
Estrutura	CD OP PA M $\backslash \square \square \downarrow^{\cdot}$
LP	Faltar (objeto)

⁴ Texto de partida: “the fingers of a handshape that can move during the production of a sign, or that can touch the body – the ‘active fingers’”.

2ª possibilidade	
ELiS	<∩◻◻◻←:
Estrutura	CD OP PA PA M <∩ ◻ ◻ ◻ ←:
LP	Dicionário

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal composto se diferencia pela presença do símbolo ‘.:’, indica que deve ser realizado o primeiro e posteriormente o segundo sinal/palavra. Além disso, esse grupo pode apresentar em sua estrutura a combinação de qualquer um dos outros sete tipos de sinais/palavras, por exemplo: monomanual + mão de apoio, mão de apoio + bimanual assimétrico, monomanual + monomanual e outros. Essa variação é possível por proporcionar a grafia de sinais compostos por justaposição ou pela formação de duas ou mais sílabas, independente da estrutura de cada sinal, como expressa o exemplo a seguir:

Quadro 10 – Sinal composto.

ELiS	<∩◻◻ T .: //∥.◻◻◻++~:
Estrutura	CD OP PA M CD OP PA M <∩ ◻ ◻ T .: //∥.◻ ◻ ◻ ++~:
LP	Animais

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal soletrado refere-se ao empréstimo linguístico realizado pela línguas de sinais da língua oral de um determinado país, em nosso caso, do Brasil. Conforme Nascimento (2010) a datilologia, ou soletração manual, ou digitação manual:

[...] pode ser comparada à soletração em línguas orais. Faz-se a comparação a correspondência de uma letra da grafia de uma língua oral com uma configuração de mão (CM) de uma língua de sinais, às vezes acrescida de movimentos, como ocorre na LSB⁵ com as CMs Ç, H, J, K, X, Y e Z” (p. 27).

⁵ A sigla LSB refere-se à Língua de Sinais Britânica.

Esses sinais, quase sempre, são momentâneos, pois, com o passar do tempo, unidades próprias da Libras são criadas para designar seu significante, caindo em desuso o termo soletrado manualmente. Na maioria das vezes aqueles que permanecem no léxico da Libras referem-se a nomes próprios, siglas e/ou acrônimos. A título de exemplo, expomos o sinal abaixo:

Quadro 11 – Sinal soletrado.

ELiS	.##.ᵐᵃᵇᶜᵀ
Estrutura	CD CD CD CD .##.ᵐ ᵃ ᵇ ᶜ ᵀ
LP	Maio

Fonte: elaborado pelo autor.

Contudo, durante a realização da pesquisa fruto deste trabalho, percebemos a ausência de uma categoria morfológica, não apresentada por Barros (2008, 2015, 2016). Assim criamos a oitava e última categoria morfológica que compete aos sinais sem as mãos, ou seja, realizados unicamente por expressões não manuais. Julgamos que, por ser um sinal/palavra com uma constituição especial, necessita de uma categoria própria. Sinais/palavras com esta base apresentam apenas o grupo de M, como pode ser observado no exemplo a seguir:

Quadro 12 – Sinal sem as mãos.

ELiS	-o [⊥]
Estrutura	M -o [⊥]
LP	Roubar

Fonte: elaborado pelo autor.

Em suma, o presente artigo manifesta um rápido panorama sobre algumas das diferentes escritas desenvolvidas para as línguas de sinais, tendo como intuito a apresentação do sistema ELiS. Como mencionado anteriormente, para utilizar um

sistema de escrita é necessário conhecer sua estrutura base, neste texto apresentamos a estrutura basilar da ELiS, visografemas, diacríticos e categorias morfológicas. Portanto, com base no conhecimento dos tópicos aqui abordados, utentes das línguas de sinais poderão escrever em ELiS ou aperfeiçoar seu conhecimento em relação ao sistema.

4 Considerações finais

Este artigo é um recorte de nossa dissertação de mestrado, tendo como foco a apresentação do sistema ELiS, assim como a sua estrutura base, os visografemas, os diacríticos e as diferentes categorias morfológicas. Para tanto, realizamos um breve panorama ao que se refere a história das línguas de sinais.

Assim, observou-se que o desejo de escrever em línguas de sinais não é algo recente, pelo contrário, iniciou-se com os estudos de Bébian (1825) ao apresentar o primeiro sistema de escrita, utilizando como ponto de partida a língua de sinais francesa. Posteriormente ao supracitado autor, outros sistemas de notação surgiram, dispendo o objetivo de serem utilizados socialmente ou tão somente para fins acadêmicos. Como mencionado em nosso texto, o sistema criado por Stokoe (1965), apesar de não ter o objetivo de ser utilizado socialmente, muito contribuiu para as escritas desenvolvidas posteriores a ele.

Desse modo, este recorte de nossa dissertação além de discorrer sobre o sistema ELiS, evidencia duas novas informações referente para o sistema, sendo elas: i) a modificação do termo tipos de sinais para categorias morfológicas, referindo-se as diferentes estruturas que um sinal/palavra pode conter e ii) a criação da categoria morfologia que acolhe os sinais sem as mão. Ao apresentar o sistema ELiS, intentamos contribuir para a área da escrita de sinais, assim como no aperfeiçoamento daqueles que almejam aprofundar seu conhecimento acerca do sistema.

Referências

- AGUIAR, T. C.; CHAIBUE, K. Histórico das escritas de línguas de sinais. **RVCS** – **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, Arara Azul, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-28, mar. 2015. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes/detalhes/51.
- BARBOSA, G. O. **A arte de escrever em Libras**. 2017. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.
- BARROS, M. E. **Proposta de escrita das línguas de sinais**. 1998. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.
- BARROS, M. E. **ELiS (escrita das línguas de sinais): proposta teórica e verificação prática**. 2008. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BARROS, M. E. **ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BARROS, M. E. Princípios básicos da ELiS. **Revista Sinalizar**, v.1, n. 2, p. 2004-2010, 2016. DOI <https://doi.org/10.5216/rs.v1i2.38881>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/issue/view/1684>.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 24 abr. 2002.
- BÉBIAN, R. A. A. **Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sourds-muets**. Paris: Louis Colas, 1825.
- BRENTARI, D. **A prosodic model of sign language phonology**. Cambridge: MIT Press, 1998. DOI <https://doi.org/10.7551/mitpress/5644.001.0001>.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BRITO, L. F. Integração social do surdo. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 7, 18 jul. 2012.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 2006.

FERNANDES, L. A. **ELiS: Internacionalização da escrita das línguas de sinais**. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representação da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NASCIMENTO, C. B. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira – LSB: língua em contato**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OVIEDO, A. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébian em el sistema de transcripción de tokoe. **Lenguaje**, Cali - Colombia: Universidad Del Vale, v. 37, n. 2, p. 293-313, 2009. DOI <https://doi.org/10.25100/lenguaje.v37i2.4898>. Disponível em: <http://bibliotecadigital.univalle.edu.co/bitstream/10893/2830/1/Lenguaje%20Vol.37%282%29.%20p.293-313.pdf>.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>.

QUADROS, R. M.; PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American sign language on linguistic principles**. Silver Spring: Linstok Press, 1965.

STUMPF, M. R. Mudanças estruturais para uma inclusão ética. *In*: QUADROS, R. (org.). **Estudos Surdos III**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008. p. 14-19.

VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J. (org.). **Linguistics of American sign language: an introduction**. 4. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2005.

WANDERLEY, D. C. **A leitura e escrita de sinais de forma processual e lúdica.** Curitiba: Editora Prismas, 2015.

Artigo recebido em: 31.03.2019

Artigo aprovado em: 01.10.2019